



O Morro Desceu: trajetórias, encruzilhadas e a formação de uma experiência em comunicação popular¹

Tatiana Lima²

Universidade Federal Fluminense

Resumo

Não é de hoje que a comunicação popular serve de ferramenta de mobilização e defesa de uma comunicação que atenda às necessidades de territórios populares no Rio de Janeiro. O objetivo desta proposta é documentar o conceito de comunicação popular do Núcleo Piratininga de Comunicação como expressão científica no campo dos estudos de comunicação popular e apresentar uma breve análise dos meios tradicionais de mídias populares do Rio de Janeiro. Desde 2004, oferece gratuitamente um curso de comunicação popular para moradores de favelas interessados em aprender técnicas de comunicação popular como ação política de transformação social. Com uma metodologia própria e dinâmica é pensadas para atender às demandas e necessidades de qualquer pessoa desde um estudante universitário a um ativista social de pouca escolarização formal. Já são mais de 400 comunicadores populares formados, sendo que alguns se tornaram jornalistas e professores do NPC³.

A partir desta experiência, Giannotti Santiago (2016) formulou um conceito de comunicação popular: é a comunicação produzida pelo, para e com o povo com objetivo de alterar a realidade social de um grupo, com a produção funcionando a partir do tripé: i) moradores de favela que conhecem bem a realidade; ii) executores das tarefas técnicas de comunicação; iii) os apoiadores do projeto. Trata-se, portanto, de conceito de comunicação enxerga o campo como um porta-voz dos interesses da comunidade em que está inserida para ajuda a comunidade a se organizar em torno de seus problemas. Assume-se aqui a intenção de uma ação militante de mobilização através da criação de veículos próprios. Neste modelo não existe comunicação popular sem organização popular e vice-versa, pois a comunicação popular é contraponto a hegemonia da mídia burguesa.

Entre 1976 a 1985, existiram ao menos vinte experiências de jornais⁴ populares na cidade do Rio. Da zona norte a zona sul, as favelas acreditavam que jornais impressos significavam a chance

¹ Trabalho apresentado no GT1 – Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã - CBCC do X Seminário ALAIC 2019, de 24 e 25 de outubro de 2019, na Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal Fluminense e Mestre em Mídia e Cotidiano pela mesma instituição. Email: tatianalimalimao@gmail.com.

³ Dentre eles: Adriana Medeiros, Arthur William, Eric Fenelon, Inessa Lopes, Gizele Martins, Renata Souza, Sheila Jacob, Tatiana Lima, etc.

⁴ O Jornal (Morro da Chacrinha); União da Maré; Ação (Parque da Vila Isabel); Comunitário (Manuel Torres); Jornal do São João e Raízes do São João (Morro do São João); Jornal da Associação (Favela Rio das Pedras); Folha da Formiga (Morro da Formiga); Folha do Borel; Berro dos Cabritos; Primavera (Morro da Coroa); O Mensageiro do Vidigal; O Azul (Morro Azul); O Canto do Cantagalo; O Chapéu (Morro do Chapéu Mangueira); O Vinte (Morro dos Garrarapes).



de imprimir suas vozes como instrumento de luta para reivindicação de direitos, principalmente o direito à vida no espaço das favelas como prática de existência política e social dos pobres. Porém, com a reabertura política rumo à democracia, o movimento perdeu força. Na produção destes jornais, a violência policial já surgia como denúncia da criminalização de pobres favelados.

É neste contexto, quase vinte anos depois, que em 16 de abril de 2003, a jornalista sindical Claudia Santiago Giannotti, viu o Morro do Borel, descer para reclamar seus mortos⁵ e refletiu sobre a comunicação sindical e popular. Ela criou então o curso de comunicação popular, com a ideia fixa de formar comunicadores populares para a produção de mídias nas favelas. Maria Dalva Correia, mãe de Thiago Correia da Silva, um dos jovens assassinados na Chacina do Borel, anos mais tarde, seria uma das alunas do curso de comunicação popular do NPC.

Palavras-chave

Comunicação Popular; Movimentos Sociais; Favela; Núcleo de Comunicação Piratininga; Rio de Janeiro.

Referências bibliográficas

GIANNOTTI-SANTIAGO, Claudia. *Experiências em Comunicação Popular no Rio de Janeiro ontem e hoje* – uma história de resistência nas favelas cariocas. Rio de Janeiro: Editora NPC, 2016.

JACOB, Sheila. Um pouco do que já foi dito sobre Comunicação Popular. In.: GIANNOTTI-SANTIAGO, Claudia. *Experiências em Comunicação Popular no Rio de Janeiro ontem e hoje* – uma história de resistência nas favelas cariocas. Rio de Janeiro: Editora NPC, 2016, pp.42-49.

MOREL, Marcos. *Jornalismo popular nas favelas cariocas*. Rio de Janeiro: Rio Arte, 1986.

MORIN, EDGAR. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). In: *Dossiê França*. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº20, abril 2013.

Vila Cândido e Cerro Corá); Favelão (Pastoral de Favelas); O Eco (Morro Santa Marta); O Tagarela (Favela da Rocinha). Experiências registradas no livro de Marco Morel (1986).

⁵ Quatro jovens foram executados à queima roupa por policiais do 6º Batalhão da Polícia Militar na favela do Borel, zona norte do Rio de Janeiro. Os policiais alegaram legítima defesa e o caso foi registrado inicialmente como “auto de resistência”. Testemunhas, familiares das vítimas, e evidências forenses indicavam que se tratava de execuções extrajudiciais. Na mídia hegemônica, jornais criminalizavam as vítimas em grande tribunal. Foi só a partir da mobilização da favela contra a Chacina do Borel que o episódio foi investigado.